

A REVOLUÇÃO FRANCESA E O SUBMUNDO LITERÁRIO DO SÉCULO XVIII

FELIPE RADÜNZ KRÜGER*

RESUMO

No presente ensaio serão apresentadas e discutidas as principais idéias expressas na obra de Robert Darnton intitulada *Boemia literária e revolução*, em que o autor busca evidenciar o descontentamento da população de escritores fracassados e excluídos do círculo restrito das letras, conhecido como *Le monde*. A obra procura desmistificar a idéia de que a Revolução se fez segundo os preceitos de grandes filósofos, como Rousseau e Voltaire.

PALAVRAS-CHAVE: Revolução; fracasso; descontentamento

A Revolução Francesa de 1789 já foi estudada e interpretada de diversas formas e por inúmeros estudiosos. Evento de grande importância e repercussão, foi e é centro de muitos trabalhos na área da História. A Revolução Francesa, tida com uma das maiores revoluções da história, um acontecimento que alteraria todo o quadro político e social da França, onde vigorava o antigo regime e a partir desse movimento a nobreza e o clero teriam sua autoridade questionada como o mundo jamais vira. Foi influenciada pelos ideais do Iluminismo e da independência norte-americana.

No ano de 1982 recebemos a publicação de uma obra bem singular acerca desse evento, escrita por Robert Darnton, intitulada *Boemia literária e revolução: o submundo das letras no Antigo Regime*. Através da leitura e análise da obra poderemos contextualizar e analisar os homens que foram esquecidos pela historiografia tradicional e que fizeram toda a diferença no processo revolucionário, os habitantes do *underground*, os subliteratos. No presente ensaio, proponho uma discussão a respeito do papel dos literatos menores no processo revolucionário francês do final do século XVIII, conforme analisado por Robert Darnton.

* Acadêmico do curso de História – Licenciatura – FURG. Texto produzido para apresentação na disciplina de História Moderna, orientado pela Prof.^a Dr.^a Júlia Silveira Matos.

Darnton é professor de História na Universidade de Princeton, autor de inúmeros artigos e obras de grande relevância, tais como: *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa* (1984), *Revolução na impressão: a imprensa em França 1775-1800*, editado com Daniel Roche (1989), *O beijo de Lamourette: reflexões sobre a História Cultural* (1989), *Os best-sellers perdidos da França pré-revolucionária* (1995), entre outros.

Dado o fato de o autor ser contemporâneo e norte-americano, pouco podemos esclarecer sobre o que o levou ao estudo minucioso do século XVIII na França, o contexto de produção da obra era de relativa paz, com exceção do início da guerra Irã-Iraque em 1980, onde os Estados Unidos se envolvem maciçamente preocupados com uma possível expansão da revolução islâmica iraniana. Podemos concluir que as relações entre EUA, França e Suíça eram boas, logo o contexto era propício a novos estudos e interpretações de fenômenos históricos. Em uma entrevista, o professor Darnton afirma não ter nenhum motivo claro para seu interesse na Revolução e no Iluminismo, ele simplesmente acha a França do século XIII fascinante, por ser uma capital cultural e política da civilização ocidental, propulsora de idéias, e as mudanças que ocorreriam durante aquele século influenciariam todo o pensamento político da civilização ocidental. Vale lembrar que graças aos seus estudos podemos ter uma nova visão desses fenômenos que tanto influenciaram o mundo.

A linguagem aplicada na obra é simples, o autor não se utiliza de muitos termos rebuscados, logo não é preciso uma grande bagagem cultural para se entender a proposta de Darnton. O público-alvo não está restrito à academia, qualquer indivíduo pode encontrar significado na obra, pois ela busca através da pesquisa de fontes primárias legitimar que a Revolução se fez através do descontentamento e do fracasso da população geral e do *underground* literário, não com os grandes pensadores iluministas agraciados pela história tradicional.

Com a leitura e análise de *Boemia literária e revolução*, venho expressar as principais idéias do autor e minhas conclusões a respeito dessa clássica obra. Está dividida em sete partes: Prefácio, Alto Iluminismo e os sublitteratos, Um espião na boemia literária, Um panfletista em fuga, Um livreiro clandestino na província, Uma tipografia do outro lado da fronteira e Leitura, escrita e atividade editorial.

O autor busca compreender a Revolução Francesa através do submundo das letras, da literatura proibida pelo Antigo Regime e dos escritores e filósofos que habitavam o *underground* da França pré-revolucionária.

O livro trata de um estudo de casos, com uma abordagem híbrida

– história social da idéias –, no intuito de contextualizar os sublitteratos do século XVIII como sujeitos de seu próprio tempo, inseridos no processo histórico, buscando assim uma nova avaliação do Iluminismo e da Revolução. Darnton busca ir além das obras clássicas para se entender o Iluminismo de forma mais precisa, objetivando a resposta de novas questões relacionadas aos escritores da época, tais como: como eles tentavam fazer carreira na república das letras? Sua condição socioeconômica influia em seus escritos? O que era essa literatura? Essas são algumas das questões que serão esclarecidas no presente ensaio.

No primeiro capítulo temos a história do bem-sucedido Suard, que, mesmo sendo um escritor medíocre, consegue galgar as escadas do *Le monde*, claro que por meio de contatos e opiniões “sadias” sobre o *Ancien Régime*. No segundo capítulo é apresentado o caso de Brissot, que tem por objetivo desmistificar a idéia de que este teria sido um exemplo de pré-revolucionário. O terceiro caso é o de Le Senne, que é constantemente comparado com o *pauvre diable* de Voltaire, pois é um militante iludido com a carreira das letras, porém com o tempo acaba por comprovar que a realidade dos *philosophes* é bem mais dura do que imaginava. No quarto capítulo temos o caso de Mauvelin, um livreiro clandestino que tinha relações diretas com a STN, logo suas encomendas servem para uma análise de quais obras eram mais lidas e influenciaram o período pré-revolucionário. No último capítulo, o autor traz à tona a realidade dos tipógrafos, ou seja, as características dos homens que materializavam as obras proibidas. A partir dessa breve síntese das partes da obra, seguiremos agora analisando cada caso apresentado pelo autor, mais calmamente.

No primeiro capítulo, Darnton traz o seguinte trecho de uma carta dirigida por um livreiro de Poitiers a seu fornecedor na Suíça:

Eis uma pequena lista de livros filosóficos que desejo. Favor mandar a fatura antecipadamente:

Vênus no claustro ou *A freira em camisola*

O cristianismo desvendado

Memórias da marquesa de Pompadour

Investigação sobre a origem do despotismo oriental

O sistema da natureza

Thérèse, a filósofa

Margot, a companheira dos exércitos (1987, p. 14).

Na passagem acima apresentada, Darnton busca esclarecer que a grande maioria das obras apresentadas é totalmente desconhecida e até mesmo parece ser um monte de lixo que acabou se amontoando,

mas que apresentam um pouco do universo ideológico do contexto gerador da Revolução Francesa, considerando que algumas dessas obras estão inclusive traduzidas para o português, nos dias atuais. Todavia, a maioria das obras que circulavam durante o Antigo Regime é desconhecida no presente. O autor busca trazer à tona uma nova forma de se visualizar o Iluminismo, através do ponto de vista dos homens da camada mais popular, que tinham família para sustentar e seu “ganha-pão” se restringia a caneta, papel e sua criatividade.

Segundo o autor, durante o século XVIII ocorre certa valorização do *status* do escritor, de modo que um número elevado de jovens no final do século passa a almejar a carreira na república das letras. O resultado disso é o crescente aumento da população de escritores desempregados nas ruas da França.

O primeiro caso apresentado por Darnton é o de Jean-Batiste-Antoine Suard, um típico *philosophe* do alto iluminismo. A análise de sua ascensão como *philosophe* é feita através dos escritos de sua esposa. Suard deixou a província aos 20 anos e tinha três virtudes: boa aparência, boas maneiras e um tio parisiense. No começo trabalhou como tradutor, logo conheceu Abbé Raynal, um tipo de recrutador da elite sociocultural conhecida como *Le monde*. Raynal arranhou-lhe um emprego como professor de crianças bem-nascidas. Com o tempo Suard já escrevia pequenos ensaios sobre os heróis como Voltaire, Montesquieu, Buffon, e passou a se fazer cada vez mais presente no *Le monde*. Conseguiu um emprego na *Gazette de France*, com alojamento, aquecimento, iluminação e 2500 livres anuais, quantia razoável se comparada com a maioria dos *philosophes*. Suard se casou com uma moça burguesa, como ele próprio. O casamento de *philosophes* era algo raro naquela época. Os grandes nomes do iluminismo, como Voltaire e d’Alembert, permaneceram solteiros. O casal já fazia parte do restrito grupo da elite francesa, e patrocinadores como Madame Marchais enviavam carruagens para transportar o casal a jantares. Eles passaram a ser conhecidos como *petit ménage*, o “casalzinho”. O *philosophe* passava a se inserir na sociedade, ficar respeitável e era recebido pela mais conservadora das instituições, a família. Suard já conseguira conquistar o *Le monde*, agora seu objetivo era ganhar dinheiro. E de fato nosso protagonista irá alcançar o ápice, possuindo uma renda de 10.000, talvez 20.000 livres anuais.

Um aspecto interessante na trajetória de Suard é a sua dependência de “proteção” – diferente da antiga forma de mecenato, nessa nova forma o importante era conhecer as pessoas certas e

cultivar amizades. O mercado é um elemento ausente, Suard vivia de pensões e sinecuras¹, não da venda de livros. Darnton chega a ressaltar que ele escrevia muito pouco e pouco tinha a dizer, nada que ofendesse o regime. Suard acaba por se mostrar um apoiador do regime, logo embolsava a sua recompensa.

O autor deixa bem explícito que não era qualquer indivíduo que conseguia uma destas tão almeçadas pensões do Antigo Regime, era necessário ter relação com o *Le monde*, contatos e principalmente opiniões “sadias”. Em alguns casos, o governo subsidiava escritores que tivessem feito propaganda a seu favor. Um exemplo é Voltaire que acreditava que o iluminismo tinha que começar com os *Grands*²: uma vez que a camada dominante fosse conquistada, poderiam partir para as grandes massas da sociedade, porém sempre zelando para que não aprendessem a ler.

Podemos então concluir que o mundo literário do século XVIII se dividia entre o *Le monde*, onde se encontrava a elite apoiadora do regime, e os subliteratos, o *underground*, a boêmia literária, constituída por homens que fracassaram na busca do sucesso, logo se tornam adeptos de uma política contra o regime.

Voltaire se mostrou um crítico ferrenho ao constante aumento da população de jovens escritores em Paris. Ele investia contra os subliteratos, para evitar que contagiassem a juventude. Podemos observar esta idéia através dos seguintes trechos:

Colocava a “miserável espécie que escreve para ganhar a vida” – o “refugio da humanidade”, a “canalha da literatura” – em um nível social pior que os das prostitutas. (...) “O antigo Egito não tinha tantos gafanhotos” (1987, p. 28).

Segundo Darnton, no momento em que o indivíduo passava a se relacionar com a boêmia literária, não havia mais volta. Os *philosophes* sobreviviam fazendo o trabalho sujo da sociedade, como espionar para a polícia e produzir panfletos e pornografia. Porém os textos produzidos por esta “ralé” estavam carregados de críticas contra o *Le monde*; seu ódio contra os “aristocratas” literários crescia, e foi nas profundezas do submundo das letras que estes homens se tornaram revolucionários.

O *underground* não possuía uma estrutura corporativa definida,

¹ Tipo de emprego ou função, quase sempre em cargo público, e que praticamente não requer responsabilidade, trabalho ou serviço ativo. Historicamente, as sinecuras servem como instrumento de poder dos governantes, que as concedem em troca de favores políticos. Neste sentido, vincula-se também à prática do nepotismo.

² Elite da França do século XVIII.

porém não era totalmente anárquico, tinha algumas instituições.

Normalmente o contato entre os integrantes era feito nos cafés. A vida dos subliteratos era difícil; enfrentavam o fracasso na grande maioria das vezes, e o fracasso gera solidão, fazendo com que grande maioria dos escritores se sujeitem a serviços como produzir pornografia, vender livros proibidos e até mesmo espionar para a polícia. Vale lembrar que alguns se atiravam no abismo degradante da criminalidade. Para a análise desses homens que compunham o *underground*, o autor utilizou arquivos policiais, como estes:

Andouin: diz-se advogado, escreve *nouvelles à la main*, mascateia livros proibidos; ligado a Prudhomme, Manuel e outros autores e comerciantes de livros de má reputação. Faz qualquer trabalho; não recusará ser espião, se o convidarem. (...)

Delacroix: escritor, advogado expulso da ordem. Produz *mémoires* [dos tribunais] dos casos mais sombrios, quando não tem *mémoires* para escrever, faz obras pornográficas (1987, p. 36).

O principal alvo das críticas dos *libelles*³ era o *Grand monde*⁴. Tinham verdadeira aversão a tudo que fosse elevado e respeitável, difamavam a corte, a igreja, a aristocracia, as academias, os salões, ou seja, não poupavam ninguém, nem mesmo a monarquia, afinal aqueles pobres diabos nada tinham a perder. Em suas críticas o sensacionalismo era sempre presente, principalmente o sexual. Afirmavam que os nobres eram impotentes e pervertidos, cujas esposas buscavam satisfazer seus desejos com membros das mais baixas camadas sociais. Porém, será mesmo que estas críticas constantes tinham alguma relação com a revolução? Segundo Darnton, não. Os escritores estavam apenas em busca de dinheiro. Todavia, eles foram verdadeiros propagadores do descontentamento com a ordem vigente do século XVIII. Sem o esforço e sacrifício destes homens a revolução não teria ocorrido. Rivarol apresenta interessante interpretação a respeito da revolução: “obra de um excedente populacional faminto de *status*, que só a empreendera por não ter conseguido êxito sob a velha ordem” (DARNTON, 1987, p. 48).

O segundo caso apresentado é o de Jacques-Pierre Brissot, aclamado por seus biógrafos como perfeito pré-revolucionário. Todavia, Darnton busca analisá-lo através das cartas comerciais e dos relatórios da polícia, onde um homem pode ser visto de forma bem diferente. Ele provavelmente era um espião da polícia francesa infiltrado no

³ Textos da boêmia literária.

⁴ Grande Mundo, elite.

underground. Porém não devemos crucificá-lo: Brissot se encontrava em uma situação difícil, estava falido, logo devemos encará-lo como homem de carne e osso, que precisa sustentar a família, satisfazer ambições e buscar prazeres. O contexto da época era extremamente adverso a homens como Brissot que tinham ideais republicanos. Ele provavelmente teve relações com a polícia, como tantos outros; eles necessitavam disso para seu sustento. Podemos então concluir que Brissot foi um traidor do movimento? Certamente que não; ao encarar este homem como fruto do próprio contexto, fica mais fácil entender as frustrações da época, e vale lembrar que, quando chegou a revolução, Brissot lutou ferrenhamente em favor de seus ideais. A revolução fez dele o editor de *Le Patriote Français*⁵, o digno líder dos girondinos.

O terceiro caso apresentado é o de Le Senne. Nada se sabe das suas origens, só que, em dado momento de sua vida, decidiu se tornar um homem das letras. Passaria a vida no anonimato, se não tivesse se metido em negócios com a Société Typhographique de Neuchatel (STN). Compilou, condensou e popularizou o iluminismo de forma enérgica, como se sua vida realmente dependesse disso. O tema mais presente é, sem dúvida, a dessacralização da Igreja e, com isso, expressa a existência de um *underground* contestador do alto clero. O iluminismo era uma tentativa de propagar idéias entre o público geral, não apenas entre os filósofos.

O autor faz uma interessante comparação entre a vida de Le Senne e o poema satírico de Voltaire “Le pauvre diable”⁶. Podemos comprovar isso na seguinte citação:

Estava sem dinheiro nem trabalho, não era estroso,
Mas os poetas todos eu lia e relia;
Até me via protegido por um Mecenas poderoso.
Descabelando-me de amor pela poética mania,
Cedi à febre louca, e pus-me a perpetrar poesia (1987, p. 78).

Ao analisar a carreira de Le Senne veremos que realmente este se encaixava de maneira perfeita com o poema de Voltaire. Ele se mostra um militante, que se recusa a abandonar sua causa, um homem que buscava primeiramente seguir o exemplo de Pierre Rousseau, o subliterato que conseguiu fazer fortuna e que fundara o *Journal Encyclopédique*, sempre defendendo os *philosophes*. Porém, com o passar do tempo Le Senne acaba por constatar que a carreira nas letras não é tão fácil como imaginava. Ele passa a aceitar qualquer emprego

⁵ Revista política fundada por Brissot, que apareceu de julho 1789 a junho de 1793.

⁶ O pobre diabo

que oferecerem, estava disposto a escrever qualquer coisa que a STN quisesse, em certo momento seu desespero era tão grande que chegava a implorar para que a STN vendesse seus manuscritos a outros editores, já que não queriam mesmo comprá-los. Quem comprasse poderia até mesmo publicá-los em seu nome. Le Senne acabou se envolvendo no contrabando de obras proibidas da STN, serviço perigoso para a época. Le Senne acabou sendo perseguido, pois acreditavam que ele havia escrito uma carta atacando de forma feroz o clero, então começava a vida nômade de nosso protagonista, vagando de cidade em cidade em busca de oportunidades de trabalho e de publicação, escrevendo qualquer coisa para qualquer um.

Um aspecto interessante é o mercado de livros da época do *Ancien Regime*. Quais autores eram os mais lidos? Ou qual o tema de maior interesse da população? Através da análise de um livreiro clandestino chamado Mauvelain, vinculado à STN, o autor é capaz de esclarecer essas dúvidas.

As relações de Mauvelain com a STN eram boas. Ele conseguia com que os suíços o suprissem com uma boa quantidade de livros sem sequer falar em pagamento. Mauvelain chegava até mesmo a enviar uma cabeça de javali de presente para os editores. Estava claro que ele apenas queria preparar o terreno, em pouco tempo ele começa a encomendar várias obras proibidas, expondo um verdadeiro golpista.

Obviamente as obras contrárias aos dogmas da igreja e ao regime seriam barradas por agentes de alfândegas. Contrabandar livros proibidos era um negócio arriscado e complexo. O sistema de distribuição de livros podia acabar sendo tão dispendioso quanto a fabricação dos próprios. Mauvelain era tão persuasivo que recebeu inúmeras cargas de livros durante dois anos e nada pagou à STN, exceto cinco dúzias de cartas e uma cabeça de javali. A engenhosa fraude chegou ao fim, Mauvelain foi procurado, mas fugiu e provavelmente morreu de sífilis.

Após o breve relato da vida de Mauvelain, vejamos as obras que ele encomenda. As tentativas anteriores de buscar os hábitos de leitura dos franceses do século XVIII partiam de fontes oficiais e obviamente excluía todas as obras proibidas. Mauvelain era um especialista em livros proibidos, logo os seus pedidos nos darão uma idéia mais exata do que a população da pequena cidade de Troyes lia. Essa pequena província era culturalmente estagnada, provavelmente não haveria uma grande procura de literatura radical nesta cidade, porém pela pesquisa das encomendas, podemos observar que a procura existiu. Nessas encomendas podemos observar que os clientes de Mauvelain não queriam obras abstratas, nem teóricas. Em dois anos não

encomendaram uma única obra dos quatro grandes *philosophes*, Montesquieu, Voltaire, Diderot e Rousseau. Deram preferência aos mais populares dentro do iluminismo: Raynal, Mercier, Mirabeau. Esses anônimos produziram verdadeiros *best-sellers* clandestinos, porém seus livros simplesmente desapareceram da história.

Mauvelain tinha grande demanda de livros de religião, relacionados com sátira e polêmica; pornografia, porém bem moderada; obras gerais, que eram livros sem um tema específico, mas que continham matéria capaz de ofender meio mundo das autoridades da França, espécie de relatos jornalísticos de casos amorosos, crimes e eventos, era simplesmente “fofoca” da elite do século XVIII; e por último e mais importante: política, termo complicado, pois o povo não participava da vida política, que era restrita aos palácios. Existiam três categorias específicas do gênero: teoria política, panfletos específicos e libelos. Os leitores não se interessavam em teoria política, porém tinham certo gosto pelos panfletos polêmicos, nos quais os escritores relatavam com muito sensacionalismo os segredos mais ocultos do estado, como os calabouços, onde muitos prisioneiros políticos se encontravam. Todavia vale lembrar que historiadores comprovaram que a Bastilha estava quase vazia em 1789. Os integrantes do *underground* fizeram com que muito franceses se sentissem verdadeiros escravos.

Todavia nenhuma obra vendia mais do que os *libelles*, ataques agressivos a todos que ocupassem posições de prestígio e poder, como membros da família real, ministros e cortesãos. Podemos concluir, através da análise das encomendas de Mauvelain, que é crescente o descontentamento da população para com os abusos do regime, mesmo que somente da burguesa, pois os preços dos livros os colocavam fora do alcance das classes trabalhadoras.

Na última parte do livro, o autor tenta interpretar o contexto ao qual os homens que materializavam as idéias do *underground*, os tipógrafos, eram submetidos. Os patrões tratavam estes trabalhadores como objetos, chegavam até a encomendá-los em lotes, tal qual papel e tinta, e quando o serviço acabava os dispensavam. Darnton faz menção à indignação da filha de um patrão da STN, quando este dispensa dois terços dos trabalhadores ao concluir a impressão da *Encyclopédie*: “não se pode jogar na rua, de uma hora para outra, gente que tem mulher e filhos” (1987, p. 154).

Os operários tinham seu sistema de comunicação que circulava oralmente. Nas ruas e nas tavernas, seu principal assunto provavelmente era relacionado com o trabalho, pagamento e condições de serviço e, claro, vinho barato. O quadro de trabalho se alterava constantemente. Cerca de metade dos funcionários era alterada no

decorrer do semestre. Mesmo que suas condições de trabalho fossem difíceis, eles ainda se encontravam numa camada bem superior, ganhavam duas vezes mais que um operário comum, graças a sua qualificação.

A vida dos tipógrafos era bem menos sofrida que a dos *philosophes*. Segundo os documentos da STN, os operários tinham tempo e dinheiro para gastar. Não eram raros os casos em que um grupo de funcionários parava completamente o trabalho para se divertir na *débauche*⁷. Vejamos este trecho: “O dito Michel foi para o bordel e lá permaneceu domingo, segunda, terça e quarta-feira; depois, na manhã seguinte, voltou para dormir num baú no quarto que normalmente habitava” (1987, p. 159).

Existia entre eles uma espécie de código de ética. Por exemplo, se um operário recusasse um preço por determinada tarefa e deixasse a oficina, ninguém no estabelecimento deveria fazer o serviço por um preço menor. O trabalhador que delatasse outros por imprimir obras proibidas era chamado de *marron*, e seria expulso da oficina. Fora isso, tudo era permitido, a bebedeira era considerada virtude, o endividamento um sinal de esperteza e por fim a irreligiosidade era prova de sinceridade. Esses trabalhadores desenvolveram um enorme repertório de gestos e piadas – as mais elaboradas eram chamadas de *copies* ou paródias burlescas que faziam com que todos caíssem em gargalhada. A mais famosa é conhecida como “o grande massacre dos gatos”.

Podemos concluir que esses trabalhadores foram tão importantes quanto os escritores do *underground* para que se chegasse ao processo revolucionário. A França do século XVIII apresentava um contexto propício para o desenvolvimento destas múltiplas categorias de homens que trariam o fim do *Ancien Regime*. Todos foram de vital importância, os *philosophes* por desmistificar a realeza através das mais devassas escrituras, as tipografias estrangeiras como a STN que não sentiram nenhum remorso por produzir literatura proibida na França, os contrabandistas que enfrentavam difíceis caminhos para alcançar seus destinos, os distribuidores de obras proibidas que tinham a polícia constantemente em seu encaço, entre tantos outros que fizeram com que a revolução se concretizasse, mesmo que esse nem fosse seu objetivo.

Como já foi dito, o autor analisa o século XVIII através de casos, contextualizando o cotidiano de indivíduos que fizeram parte do processo revolucionário. A ordem não é cronológica, mas todo o estudo se passa no período pré-revolucionário.

⁷ Antiga tradição no ofício tipográfico.

Para essa empreitada, Darnton usa como principal fonte documentos da editora de livros proibidos Société Typographique de Neuchâtel, localizada na Suíça e na França. O autor também se utilizou de fontes como arquivos da polícia, da Bastilha e da corporação de livreiros para legitimar a sua tese.

Darnton constrói despretensiosamente uma realidade que até então era desconhecida e perdida nos arquivos negligenciados pelos historiadores – a do submundo literário. Os personagens que emergem das páginas do livro não são os que habitam as fileiras do Iluminismo e sim seres comuns como o *pauvre diable* de Voltaire. São habitantes das sarjetas, excluídos do *Le monde*, marginais do *Ancien Régime*, alguns deles, como Marat e Brissot, mais tarde protagonistas da Revolução Francesa.

Por fim, Darnton foi impecável em sua análise da revolução através de outra ótica, pela qual podemos entender melhor a realidade do século XVIII, entendimento que os grandes clássicos não propiciam. Se o verdadeiro motivo que levou à Revolução Francesa foi o descontentamento da população carente, o fracasso dos escritores excluídos pelo *Le monde*, que atacavam ferrenhamente as instituições oficiais, as quais eram responsáveis pela miséria do povo francês, podemos observar que a força que desencadeia o processo é econômica. Devemos lembrar que a grande maioria dos *philosophes* não visava a uma revolução, eles atacavam o Regime, pois esse ataque gerava seus subsídios básicos; seu objetivo era o sustento em tempos difíceis. Logo, mesmo “sem querer” os sublitteratos foram agentes imprescindíveis para a quebra do regime vigente na França do século XVIII.

REFERÊNCIAS

DARNTON, Robert. *Boêmia literária e revolução: o submundo das letras no Antigo Regime*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

DARNTON, Robert. Os filósofos podam a árvore do conhecimento: a estratégia epistemológica da *Encyclopédie*. In: _____. *O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

ENTREVISTA com Robert Darnton, quando veio ao Brasil dar o curso "Literatura e Revolução na França, 1770-1790". na V Jornada de Estudos Americanos realizada em agosto de 1989 na Fundação Casa de Rui Barbosa.

HUNT, Lynn. Revolução Francesa e vida privada. In: PERROT, Michelle. *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras. v. 4, p. 16-50.

PERRY, Marvin. Transformação intelectual: a revolução científica e a era do iluminismo. In: _____. *Civilização ocidental: uma história concisa*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 282-309.

PERRY, Marvin. O ocidente moderno: progresso e ruptura – 1789-1914. In: _____. *Civilização ocidental: uma história concisa*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 319-349.

PERROT, Michelle. Outrora, em outro lugar. In: _____. *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras. v. 4. p. 16-50.

RUDÉ, George. O motim rural francês no século XIII. In: _____. *A multidão na história: estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra – 1730-1848*. Rio de Janeiro: Campos, 1991. p. 19-68.